

O MASCULINO: SEXUAÇÃO E SEXUALIDADE PARA ALÉM DO GÊNERO

âgalma

O MASCULINO

SEXUAÇÃO
E SEXUALIDADE
PARA ALÉM
DO GÊNERO

*Cecília Biglia
Cyrille Noirjean
Daniel Paola
Denise Cuéllar Cini
Liliana Donzis
Luiz Renato Braga
Marcelo Pio da Costa
Marcus do Rio Teixeira
Martine Lerude
Nilma Bittencourt
Paula Salomão Brock (Org.)
Roland Chemama
Silvia Amigo*



© ÁGALMA PARA A LÍNGUA PORTUGUESA, 2025 1ª edição 2025

COLEÇÃO DISCURSO PSICANALÍTICO

Depósito Legal. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito, exceto para fins de citação em artigos ou livros.

EDITOR Marcus do Rio Teixeira

ORGANIZADORA Paula Salomão Brock

TRADUÇÃO Juliana Dalmina Aragão e Marcus do Rio Teixeira

REVISÃO ORTOGRÁFICA Solange Mendes da Fonseca

CAPA E COMPOSIÇÃO GRÁFICA Marcus Sampaio

[IMAGEM: KOUROS DE ANAVISSOS, GRÉCIA ANTIGA, MUSEU NACIONAL DE ATENAS]

ÁGALMA PSICANÁLISE EDITORA LTDA

Av. Anita Garibaldi, 1815 Centro Médico e Empresarial, Sala 401-B
Salvador - Bahia 40.170-130

(71) 3042-5947

✉ agalma@agalma.com.br

© Ágalma Psicanálise Editora

www.agalma.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O Masculino : sexuação e sexualidade para além do
gênero / organização Paula Salomão Brock. –
1. ed. – Salvador, BA : Ágalma Psicanálise, 2025.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86488-15-9

1. Gênero e sexualidade 2. Identidade de gênero
3. Masculinidade (Psicologia) 4. Psicanálise
5. Psicanálise - Aspectos psicológicos
6. Sexualidade I. Brock, Paula Salomão.

25-287744

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Masculinidade : Sexualidade : Psicanálise 150.195

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Sumário

PREFÁCIO **PAULA SALOMÃO BROCK** [7]

O que a psicanálise diz sobre o Masculino

MASCULINO **PAULA SALOMÃO BROCK** [21]

METÁFORAS DO MASCULINO **ROLAND CHEMAMA** [35]

MASCULINO, SINGULAR **MARCUS DO RIO TEIXEIRA** [42]

O Falo – Do órgão ao significante

O MASCULINO E SEUS IMPASSES: *EXIT DO FALO?* **SILVIA AMIGO** [65]

MASCULINIDADE COM OU SEM “TÍTULOS DO *FALASSER*”? **DENISE CUÉLLAR CINI** [77]

CONSTÂNCIA DO MASCULINO **DANIEL PAOLA** [86]

A espiral de nossa época

HÉTÉROS **LUIZ RENATO BRAGA** [97]

NÃO EXISTE MASCULINIDADE TÓXICA **MARCELO PIO DA COSTA** [110]

MASCULINO: MÁSCARA, CU, UM **CYRILLE NOIRJEAN** [120]

OS IMPASSES DA CONSTRUÇÃO DO MASCULINO NA CONTEMPORANEIDADE **NILMA BITTENCOURT** [131]

Consequências clínicas hoje

HAVERIA UMA MASCULINIDADE COMPATÍVEL COM O FEMINISMO? **MARTINE LERUDE** [147]

DERIVAS DO MASCULINO E OS DESAFIOS ATUAIS DOS MENINOS **CECÍLIA BIGLIA** [160]

O SONORO E A VOZ NA VIDA ERÓTICA **LILIANA DONZIS** [174]

Que uma mulher organize um volume dedicado ao masculino, já é um primeiro indício da forma como a psicanálise aborda esse tema. Para a psicanálise, não se trata de um assunto de homens, de uma posição já dada para aqueles que nascem portando um pênis, como supõe o senso comum. Tampouco se trata, na abordagem sustentada na teoria e na prática da psicanálise, de uma identidade imaginária, que o indivíduo constrói e porta como um crachá que o identifique socialmente, como quer a nova *doxa* importada do meio acadêmico norte-americano.

Ser masculino ou feminino dependerá das marcas deixadas pela relação com o Outro, marcas que terão um sentido erógeno, como coloca Silvia Amigo em seu artigo¹. Portanto o masculino, numa visão psicanalítica, não é um *lugar de fala*, mas uma posição que diz respeito à *sexualização*, termo que Lacan utiliza para se referir à construção do sexual nos seres de linguagem. Daí porque uma mulher pode e deve falar sobre o masculino.

¹ AMIGO, Silvia. O masculino e seus impasses. *Exit do falo?* Neste volume.

Esta não é a primeira vez que a editora Ágalma se dedica ao tema, o qual já foi abordado em outros dois volumes: *Sobre o desejo masculino* (1995), de Angela Baptista (Org.) e *Filhinhos de mamãe: destinos da sexualidade masculina* (2011), de Ricardo Estacolchic e Sérgio Rodríguez. Com a proposta de retomar esse tema a partir das transformações trazidas por nossa época, uma época em que um discurso vigente no social tenta apagar a diferença sexual e acusa a psicanálise de preconceito e discriminação contra indivíduos por sua sexualidade (acusação que causa um grande espanto, pois sustentar os conceitos de nossa prática não significa excluir o respeito às diferenças), convidei autores brasileiros e estrangeiros para, através da letra de seus artigos, refletirem sobre aquele que, segundo Lacan, se inscreve numa posição de gozo dita *toda fálica* – veremos o que significa esse termo.

Este volume se divide em quatro blocos: **O que a psicanálise diz sobre o masculino; O Falo – Do órgão ao significante; A espiral de nossa época; Consequências clínicas hoje.**

O primeiro bloco – **O que a psicanálise diz sobre o masculino** – reúne trabalhos que situam os fundamentos da teoria psicanalítica acerca da sexuação e da sexualidade masculina. Paula Salomão Brock, em seu artigo “O masculino”, afirma que não é a anatomia do corpo que sela o destino de uma sexuação. Roland Chemama se interroga sobre o que é um homem, no seu artigo “Metáforas do masculino”. Segundo o autor, essa definição não está dada *a priori*, uma vez que se trata de um significante que terá de se remeter a outro para produzir significado e acomodar sentido. Em “Masculino, singular”, Marcus do Rio Teixeira distingue a concepção psicanalítica da diferença sexual, que pressupõe o Real do corpo e dos gozos, que se destaca no Imaginário da forma e encontra sua inscrição no Simbólico, da noção de uma identidade sustentada exclusivamente no Imaginário.

Em **O Falo – Do órgão ao significante**, encontramos artigos que interrogam esse conceito crucial para a psicanálise. No artigo “O masculino e seus impasses – *Exit* do falo?”, Silvia Amigo afirma que, distante da concepção social imaginária da nossa época, ser homem e poder se servir de sua masculinidade envolve fatores que não dizem respeito apenas à adoção de comportamentos. Denise Cuéllar Cini,

em “Masculinidade com ou sem ‘títulos do falasser?’”, retoma o conceito de falo a partir dos Seminários em que Lacan o aborda mais detidamente, articulando-o a outros conceitos de modo a nos conduzir à compreensão de que “são escritas da inexistência da relação sexual”². Daniel Paola, em “Constância do masculino”, aborda, a partir do comentário de Lacan sobre o caso do Pequeno Hans, o conceito de *falo real* e suas implicações na constituição do masculino.

Os textos do terceiro bloco – **A espiral de nossa época** – refletem sobre as mudanças e transformações sociais do masculino. Luiz Renato M. Braga, no seu artigo “Héteros”, marca uma diferença entre o discurso psicanalítico e o discurso social, e lança a interrogação: “O que é ser um homem? O que é ser uma mulher?”, afirmando que são duas formas de organização de gozo. Marcelo Pio da Costa, em “Não existe masculinidade tóxica”, expõe o equívoco que consiste em associar o preconceito e a violência contra as mulheres à posição masculina, como se o masculino em si portasse a misoginia. Cyrille Noirjean em seu artigo “Masculino: Máscara, cu, um”, formula uma articulação entre o corpo, que é lugar de gozo, e a veste que se pode dar a ele. Será masculina ou feminina? Tomando exemplos de retratos do masculino nas letras de canções contemporâneas, ele faz uma articulação com o nó borromeano. Nilma C. S. Bittencourt, em “Os impasses da construção do masculino na contemporaneidade”, nos apresenta um apanhado das interrogações masculinas na contemporaneidade e das dificuldades, trazidas pelas grandes mudanças sociais, que os homens enfrentam nas suas relações amorosas/sexuais.

O último bloco, **Consequências clínicas hoje**, agrupa textos que discutem as manifestações de problemas relacionados ao masculino que se fazem presentes na clínica psicanalítica contemporânea. Martine Lerude, em “Haveria uma masculinidade compatível com o feminismo?”, se interroga sobre os homens jovens em análise que enfrentam dificuldades recorrentes, as quais dizem respeito à forma de se posicionar ante as mulheres. O maior receio deles é serem

2 CINI, Denise Cuéllar. Masculinidade com ou sem “títulos do falasser”? Neste volume.

cancelados por alguma atitude que possa ser lida como agressiva ou desrespeitosa para com as mulheres. Cecília Biglia, em “Derivas do masculino e os desafios atuais dos meninos”, mostra como na adolescência, um período em que se trata de reassegurar a posição do ser sexuado, muitos meninos e rapazes se defrontam com representações sociais do masculino que retratam os homens de forma pejorativa. Já Liliana Donzis afirma que a forma de enodar seus gozos é uma característica dos *falasseres*, e ilustra essa relação erótica por meio de um caso clínico de um analisante homem, que põe em evidência o objeto *a* articulado da pulsão invocante. Isso em seu artigo “O sonoro e a voz na vida erótica”.

Freud nunca disse que a diferença anatômica genital determinava todas as consequências para a constituição dos sexos, mas afirmou que alguma consequência existe. Concordar com Freud é poder dizer que, sim, a diferença sexual tem seus efeitos. Diferença que pode ser constatada a partir da anatomia, mas que se veiculará na palavra, *menino* ou *menina*. Essa nomeação faz a primeira inscrição do sexo na linguagem, mostrando que o serzinho não vem ao mundo como um objeto, uma *coisa* – aliás, na nossa língua até as coisas não têm gênero neutro.

Essa primeira marca já porta o Real do dizer sexuante dos pais, que através de seus olhares, do consentimento de uma imagem ao espelho, das respostas que eles puderem dar às perguntas que tocam o sexual de cada um, sustentará ou não essa diferença.³

A crítica à famosa frase de Freud, “A anatomia é o destino”⁴, gera, por vezes, conclusões estranhas, mais questionáveis que a própria asserção freudiana se tomada literalmente. Assim é que temos visto analistas propondo que se deixe simplesmente de considerar a anatomia no âmbito tanto da teoria quanto da prática

3 BROCK, Paula Salomão. O masculino. Neste volume.

4 FREUD, Sigmund. O declínio do complexo de Édipo [1924]. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. In: _____. *Obras incompletas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. v.7: Amor, sexualidade, feminilidade, p. 247-257. p. 252.

psicanalítica. A proposta parte de dois equívocos de grandes proporções que se articulam.

O primeiro é uma hipérbole do fato de que a análise lida com o sujeito. Porém se esquece de levar em consideração que esse sujeito não existe no vazio, ele *tem um corpo*, como diz Lacan⁵. Em segundo lugar, esse corpo não é simplesmente “a anatomia”, ele é o organismo que já foi tomado pela linguagem.

O primeiro efeito da linguagem sobre o real é introduzir ali os seus cortes, aqueles que fazem do organismo um corpo, desenhando as zonas erógenas sobre sua superfície e fragmentando o seu gozo à mercê das pulsões, ditas parciais, e dos significantes.⁶

Lembremos ainda que, para Lacan, “Só existe gozo do corpo”⁷. Ou seja, a pretexto de combater um suposto determinismo anatômico, o que se nega, na verdade, é o corpo que, enquanto sede dos gozos, torna possível a própria vida erótica do sujeito.

O signifiante que aponta que há dois sexos, e que é o único a operar com efeitos de significado, é aquele que só tem valor por sua ausência: o *falo*. Muito mal falado, muito mal interpretado, “famigerado e hoje maldito Falo. Maldito desde que confundido com o pênis”⁸. Sabemos que essa confusão conceitual traz grandes prejuízos à compreensão do conceito em si, que tem seu valor não pelo que possui, mas pelo que deixa de possuir. Ou seja, “a escrita do falo se dá com a inscrição da falta e perda de gozo”⁹.

Soler assim resume o esforço teórico de Freud e, em seguida, de Lacan para definir a instância, o mecanismo que produz os seres sexuados.

5 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 23: o sinthoma* [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. p. 146.

6 SOLER, Colette. *Una clínica de excepción*: Colégio Clínico de Paris, Curso 2021-2022. Medellín (Colômbia): Ediciones de Foros Hispanohablantes del Campo Lacaniano de la IF-EPFCL, 2023. p. 27.

7 LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 14: a lógica do fantasma* [1966-1967]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2024. p. 300.

8 BRAGA, Luiz Renato. Héteros. Neste volume.

9 CINI, Denise Cuéllar. Masculinidade com ou sem “títulos do falasser”?, op. cit.

Com a incidência das identificações edípicas do sujeito, Freud a procurou do lado do sujeito, implicando assim os ideais do eu no ser mulher ou homem. Ora, as identificações ideais supõem sempre se inscrever sob um significante do Outro. Lacan simplificou, fazendo da identificação ao falo como significante do desejo do Outro, a chave das identificações ideais que governam as imagens e significantes do sexo. Com “O Aturdido” é outra coisa que se elabora, o ser homem ou mulher está correlacionado aos modos de gozo, os quais estão inscritos em duas lógicas: aquela em que um todo consistente é gerado; e aquela em que ele não o é e em que o múltiplo de todas as mulheres não faz um conjunto.¹⁰

Na cena social, a diferença sexual é hoje lida por grupos intelectuais, alinhados com as teorias do gênero, como uma reprodução do par opressor/oprimido. Tais grupos confundem uma posição masculina de sedução com a tentativa de domínio da mulher. Na luta por direitos iguais, pela defesa das mulheres e das vítimas do preconceito, acabam mirando no alvo errado, produzindo um discurso de depreciação do masculino, identificado a uma força opressora, denominada “machismo estrutural”. Quando se escuta alguém dizer, se referindo a uma personagem histórica, uma mulher negra: “Ela sofreu muito. Foi vítima do racismo e da masculinidade.”, vemos a masculinidade ser equiparada ao crime abominável do racismo.

O efeito ambivalente dessa militância, que identifica todo e qualquer homem como um potencial abusador, é um efeito rebote, fortalecendo grupos que viralizam o ódio às mulheres.

Os progressistas estão presos a uma lógica de retaliação e revanche. O que oferecem não é uma nova cultura afirmativa, mas uma ênfase na culpa coletiva e histórica, que reforça a ideia de que o indivíduo está eternamente preso a um passado que o condena. Seu motor é, em grande medida, o ressentimento.

10 SOLER, Colette. *Homens, Mulheres*. 3.ed. São Paulo: Aller, 2020. p. 141.

[...] Quando o politicamente correto é vivido e sentido por milhões de pessoas como uma forma de opressão, a alternativa a ele aparece como libertação.¹¹

Essa lógica se origina de uma causa nobre, o combate ao preconceito e às injustiças, mas acabou se tornando uma campanha de depreciação dos homens, do masculino.

No século XXI, essa luta lentamente se transformou em uma violenta reivindicação agressiva, que fez de praticamente qualquer homem um abusador em potencial, alguém suspeito de violência, um potencial violador, um inimigo do gênero feminino. Qualquer aproximação erótica passou a ser interpretada como um assédio e uma intrusão. Qualquer olhar, uma intimidação. E qualquer homem que abordasse uma mulher começou a correr o sério risco de ser cancelado pelos temíveis zeladores das posições politicamente corretas. Aquilo que começou como uma causa legítima, acaba se transformando num espantalho ideológico, fechado e asfixiante.¹²

Isso tem consequências, sobretudo entre aqueles que estão no processo de reassegurar a sua identidade sexual.

Meninos e jovens homens vêm sendo submetidos a muitas representações culturais depreciativas do masculino, deixando-os embaraçados, perdidos, com dificuldade para se servirem das referências disponíveis. Em apuros, enfim, conforme crescem as representações depreciativas do masculino nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Uma coisa é a denúncia e o combate necessário da violência contra as mulheres, dos privilégios sexistas, da perpetuação da desigualdade dos

11 GOMES, Wilson. A extrema-direita sequestrou a rebeldia. *Folha de S. Paulo*, 4 fev. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/wilson-gomes/2025/02/a-extrema-direita-sequestrou-a-rebeldia.shtml>

12 AMIGO, Sílvia. O masculino e seus impasses. *Exit do falo?* Neste volume.

| direitos; outra coisa é a generalização contundente e difusa da crítica dessas mazelas como um rechaço ontológico aos homens.¹³

Um fenômeno atual, a cooptação de adolescentes por grupos extremistas misóginos na internet, tem gerado muita discussão. Porém, em vez de nos surpreendermos com o fato de rapazes e jovens homens serem atraídos por esses grupos, que incentivam o ódio e a violência contra as mulheres, deveríamos antes nos perguntarmos o que tais grupos oferecem como atrativo para esses jovens. Parece óbvio que não são o ódio e a violência – esses conteúdos vêm por acréscimo, mas não constituem o atrativo – e, sim, a oferta de uma visão positiva do masculino e da masculinidade. Visão positiva marcada por traços ideológicos reacionários é evidente. Mas de efeito sedutor para os adolescentes e jovens que só encontram uma visão negativa do seu sexo na sociedade em que vivem.

Mesmo assim, alguns setores da militância, em lugar de refletir sobre esse aspecto e tentar achar uma forma de combater a misoginia sem municiar o extremismo e sua guerra dos sexos, preferem dobrar a aposta e defender publicamente que os homens devem ser diminuídos como forma de corrigir uma injustiça histórica. O pressuposto é que o modelo social opressor de uma época é uma dívida que se herda, “[...] uma dívida a mais, supostamente tributária das mazelas da masculinidade patriarcal”¹⁴.

Para Martine Lerude, esse tipo de ataque, que abrange a própria língua, incide sobre o exercício da sexualidade.

| Se a língua veiculou a dominação patriarcal, o domínio dos homens sobre as mulheres que reinou durante séculos, ela veicula também novos interditos e uma nova doxa: essa que concerne ao jogo do desejo, à erotização, às alusões, ao humor também, a partir de agora banida pelo “pensamento correto” feminista. A linguagem deve ser de alguma forma

13 BIGLIA, Cecilia. Derivas do masculino e os desafios atuais dos meninos. Neste volume.

14 *Id.*, *ibid.*

| “limpa” da erotização produzida pelo equívoco das palavras, que é interpretado como agressão no que diz respeito às mulheres.¹⁵

Essa nova *doxa* pretende regulamentar o desejo masculino, doravante conotado como agressivo e equiparado ao patológico.

| Nas sociedades ocidentais laicas, surge uma nova tendência, a de demonizar o desejo masculino. A máxima “o corpo da mulher é sexualizado pelo homem”, considera o desejo do homem como invasivo – ele agride o corpo da mulher, conspurcando sua pureza original ao tomá-lo como objeto sexual. Ou seja, o desejo masculino seria essencialmente *perverso*. Não no sentido lacaniano, de estrutura perversa, tampouco no sentido psiquiátrico, na linha de Krafft-Ebing, mas num sentido *moral*. Esses neomoralistas criticam o desejo masculino, não em nome de uma religião, mas em nome da defesa da mulher.¹⁶

Para Silvia Amigo, o que se arrisca perder com isso é toda uma dimensão do erotismo.

| Quando se trata do masculino, o risco é criar uma saída de cena da virilidade, do montante de atividade e iniciativa que se espera como jogo de sedução próprio de sua posição sexuada. O que tiraria um rico espaço lúdico da comédia dos sexos.¹⁷

A virilidade não diz respeito a uma marca de domínio e poder, mas é a via pela qual um homem exerce a sua sexualidade. Todavia é preciso entender que ele o faz a partir de uma *posição de gozo* diferente daquela de uma mulher.

| Portanto, apontar os efeitos da diferença sexual e das diferenças em relação às duas posições de gozo, o campo do *todo* e do *não-todo*, não exclui os

15 LERUDE, Martine. Haveria uma masculinidade compatível com o feminismo? Neste volume.

16 TEIXEIRA, Marcus do Rio. Masculino, singular. Neste volume.

17 AMIGO, Silvia. O masculino e seus impasses..., *op. cit.*

| direitos iguais. Porém, haver direitos iguais enquanto cidadãos não significa que não existam diferenças – subjetivas, de gozo, etc.¹⁸

O encontro dos corpos entre dois seres da linguagem não é uma relação determinada pelo instinto, tampouco por normas sociais. Ele é regido pelo significante que nos desnatura.

| [...] as normas dos discursos constituídos detêm-se ao pé da cama; pois bem, não é o caso do significante, que impera inclusive na cama, animando até mesmo o espaço da relação sexual. O significante é erógeno.¹⁹

Porém o fato de grandes autores da teoria psicanalítica, como Freud e Lacan, falarem de *homem* e *mulher*, levou alguns psicanalistas do meio acadêmico a tacharem a psicanálise como “heteronormativa” e afirmarem que Lacan faz uma leitura “cis” da diferença sexual. Ora, existe aí uma confusão teórica, uma vez que a lógica desenvolvida por Lacan exclui a necessidade de uma adequação entre posição de gozo e anatomia. Há ainda outra confusão, entre *sexualidade* e *sexuação*: quando Lacan postula uma diferença entre posições de gozo, isso diz respeito à sexuação, não implica que as escolhas de objeto sexual se farão segundo uma norma heterossexual.

| As fórmulas da sexuação dizem respeito à escolha heterossexual? Não, porque se as fórmulas fazem identidade de gozo homem ou mulher, elas não implicam que um homem vá escolher uma mulher e uma mulher, um homem.²⁰

A *heteridade* está colocada em toda relação sexual onde aquele que se coloca na posição dita masculina de gozo endereçará o seu desejo ao outro situado como objeto *a*. Essa posição, dita masculina,

18 BROCK, Paula Salomão. O masculino, *op. cit.*

19 SOLER, Colette. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 182.

20 SOLER, Colette. *Homens, Mulheres, op. cit.*, p. 128.

pode ser ocupada tanto por um homem quanto por uma mulher, ela não diz respeito ao sexo anatômico.

| [...] a heteridade, a relação com o Outro, não diz respeito aos órgãos sexuais. O Héteros, não é sinônimo de heteronormatividade. Se há *§* e objeto *a* numa relação sexual entre pessoas do mesmo sexo ela não é obrigatoriamente homoerótica.²¹

Quais os elementos necessários para que um tenha desejo pelo outro? Trata-se de um homem e uma mulher, dois homens e/ou duas mulheres que se se relacionam o farão, segundo Lacan em “L’Etourdit”, numa condição de heteridade, haja vista que o que um procura no outro não será o que o outro procura no um [...] ²²

A relação sexual não é um gozo recíproco dos corpos, mas um encontro entre dois que são distintos um para o outro. Essa distinção pode ocorrer numa relação heterossexual ou homossexual. Por isso retomemos a questão para compreender que, quando falamos de *homem* e *mulher*, trata-se de dois significantes que por si só não designam uma posição de gozo.

Dessa forma, fica o convite à leitura dos textos de autores que se dedicam a uma retomada rigorosa dos conceitos que orientam nossa prática, sempre feita a partir da clínica. Esses textos tentam dirimir a confusão criada por alguns, que tomam a teoria psicanalítica para sustentar teses construídas a partir do discurso universitário e que com ela não se articulam. E na esperança de que os discursos não consigam se infiltrar na cama.

21 COSTA, Marcelo Pio da. Não existe masculinidade tóxica. Neste volume.

22 BRAGA, Luiz Renato. Héteros, *op. cit.*

Paula Salomão Brock é psicanalista, membro da *Biblioteca Freudiana de Curitiba*, na qual ocupa várias funções de trabalho. Presidente dessa instituição desde 2021 até 2025. Psicóloga, especialista em psicologia clínica. Publicou, entre outros artigos, “Qual verdade se esconde quando não podemos questionar nenhuma demanda?” (*Revista Palavração*, n.8); “A ilusão de um saber absoluto” (*Revista Palavração*, n.7). Participou ativamente da retomada das publicações da *Revista Palavração*, da qual é responsável pela execução dos números 7 e 8. *E-mail*: paulasalomao12@gmail.com